

A INVENÇÃO DO SERTÃO: VIAJANTES E BARQUEIROS NAVEGANDO PELO ARAGUAIA

THE INVENTION OF *SERTÃO*: TRAVELERS AND BOATMEN SAILING THROUGH THE ARAGUAIA RIVER

Marina Haizenreder Ertzogue¹
Ana Daisy Araújo Zagallo²
Dernival Venâncio Ramos Júnior³

Endereços profissionais:

Universidade Federal do Tocantins - UFT. Campus de Palmas
Quadra 109 Norte, Avenida NS15, ALCNO-14 - Plano Diretor Norte, Palmas - TO,
77001-090.

Universidade Federal do Tocantins - UFT - Campus de Araguaína.
Av. Paraguai, 1033-1111 - Lot. Araguaína Sul, Araguaína - TO, 77827-050

Resumo: Este artigo investiga a representação do sertão, vinculada às ideias de território vazio e deserto, bem como de invisibilidade da presença humana, nos relatos de viagem pelo Rio Araguaia, no século dezenove. Todavia, o que surpreende é a existência desse mesmo discurso em pleno século vinte em prol da interferência do Estado para a promoção do desenvolvimento econômico da região, sob a forma de medidas para o fomento da navegação. Nessa ótica, o Araguaia, um território “em busca de bandeirantes”, está representado em discursos canalizados pelo viés do bandeirantismo, numa apologia ao passado, para despertar sentimentos desbravadores capazes de retirar do atraso a província de Goiás.

Palavras-chave: Araguaia; Barqueiros; Sertão; Viajantes.

Abstract: This article investigates the representation of “sertão” bound to the idea of an empty and desert territory, as well as the invisibility of the human presence, in Araguaia's travel reports, in the 19th century. However, it is surprising the existence of this speech in the 20th century to legitimize State interference in promoting the economic development of the region, in the form of measures to promote navigation. In this perspective, Araguaia, a territory “in search of *bandeirantes*”, is represented in press speeches channeled through the bias of the bandeirantismo, in an apology to the past, in order to awaken pioneering feelings capable of clearing the delay of Goiás province.

Keywords: Araguaia River; Boatmen; *Sertão*; Travellers.

1 Graduada em História pela PUC/RS. Mestre em História do Brasil pela PUC/RS. Doutora em História Social pela USP. Docente do curso de História da UFT. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente (CIAMB) - UFT e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade - UFT. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: marina@mail.uft.edu.br.

2 Graduada em Comunicação Social Relações Públicas pela UFAL. Especialista em Turismo Planejamento, Gestão e Marketing pela Universidade Católica de Brasília-UCB. Mestre em Comunicação pela Universidade de Marília-Unimar, Doutora em Ciências do Ambiente pela UFT. Docente do Curso de Gestão de Turismo da UFT. E-mail: anadzag@gmail.com.

3 Graduado em História pela UFG. Mestre em História pela UFG. Doutor em História pela UNB. Docente dos Programas de Pós-graduação em Letras e Ciências do Ambiente (Doutorado) e do PROFHISTÓRIA - UFT. E-mail: demivaljunior@gmail.com.

Introdução

Neste artigo discutimos o sertão, entendido no texto não como o espaço geográfico, mas como a categoria que remete à construção discursiva, sob o signo do colonizador, a partir do imaginário de viajantes estrangeiros e sertanistas. Ressaltamos que pesquisas acerca deste tema são recorrentes na historiografia dos estudos coloniais e do Brasil Império.

Ao revisitarmos a temática do sertão em relatos de viagens ao norte de Goiás, como o de José Vieira de Couto de Magalhães,⁴ em *Viagem ao Araguaia* (1863), e o de Joaquim de Almeida Leite de Moraes,⁵ em *Apontamentos de viagem* (1883), pretendemos investigar a ressignificação do bandeirantismo feita por esses autores no editorial “O Araguaia e suas maravilhas: enorme riqueza inexplorada”, publicado no jornal *O País* em 1925.

É evidente a intenção da narrativa desse veículo de grande circulação no Rio de Janeiro ressignificar a figura do bandeirante como metáfora, algo que se pode conjecturar na representação do sujeito empreendedor. Esse discurso associa um conceito de “bandeirante moderno” como agente de progresso e civilização, o que nos parece ser um eufemismo.

Ao destacar o protagonismo de Couto de Magalhães, empresário da Companhia de Navegação Araguaia, a quem o editor d’*O País* chama de “imortal”, o discurso da imprensa carioca busca legitimar suas convicções sobre o modo pelo qual seria mais viável alcançar o progresso econômico do norte goiano.

Em contraposição a essa ideia – ou seja, a versão heroica de bandeirantes e sertanistas desbravadores, defendida no editorial d’*O País*, como agentes de civilização –, propomos neste artigo a desconstrução dessa imagem que se apresenta carregada de simbolismos.

Araguaia, um rio em busca dos bandeirantes

“De todos quanto têm descrito o Araguaia, após a felicidade de o percorrer, ninguém talvez excedeu ao general Couto de Magalhães para o qual nenhum rio por ele visto oferecia, nem de longe, a majestade daquele”.⁶ Surpreendentemente, em 1925,

4. Couto de Magalhães (1837-1898), natural de Diamantina (MG), folclorista, etnólogo, escritor e empresário da navegação. Estudou matemática na Academia Militar do Rio de Janeiro, frequentou o curso de Artilharia de Campanha, em Londres, onde morou por quatro anos. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1859, quando iniciou sua carreira literária na imprensa acadêmica. Em 1862, tornou-se sócio correspondente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Foi nomeado presidente das províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo. Fundou o primeiro observatório astronômico de São Paulo, na Chácara da Ponte Grande, às margens do Tietê.

5. Joaquim A. Leite Moraes nasceu em 1834. Natural de São Paulo. Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1857. Em 1850 ingressou na carreira política, eleito deputado por três legislaturas, entre 1860-1879. Em 1880, Leite Moraes foi nomeado governador da província de Goiás em 1880.

6. Jomal O País, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1925, p. 1.

ressurge o discurso do bandeirantismo para o norte de Goiás. Consistia em um discurso convertido do romantismo, extraído de antigos diários de viagem citados no editorial, com passagens dos livros de Couto de Magalhães e de Carlos Herndl⁷ – ambos eram referenciados com o objetivo de argumentar em prol do desenvolvimento econômico de Goiás.

O editorial d’*O País*, de 27 de maio de 1925, ao descrever o Rio Araguaia, afirma que sua beleza inigualável era incapaz de ser traduzida: “São os historiadores, os geógrafos, os curiosos de todos os tempos que, viajando por essa maravilhosa região, não se podem cingir a números, a descrições insípidas e secas, como é de molde na matéria, ao traduzirem as suas impressões”.⁸

Cabe destacar que o editor d’*O País* cita Henrique Silva,⁹ fundador d’*A Informação Goiana*, editada no Rio de Janeiro. Essa revista seguia os moldes de outra publicação, *A Lavoura*, da Sociedade Nacional de Agricultura. A propósito, *A Informação Goiana* era um órgão de divulgação das riquezas naturais de Goiás e propugnava pelo seu desenvolvimento, alinhado aos interesses do setor agropastoril do Estado. O editorial d’*O País*, embora não viesse assinado, se coadunava com as ideias do diretor da *Informação Goiana*:¹⁰

Mas nos nossos dias Henrique Silva, esse pelejador incansável pelo progresso da terra goiana, em um dos seus muitos escritos modelou o esplendido conceito de verdade e sentimento, pelo qual se vê que o Araguaia é um rio de surpreendentes belezas que alucina a todos quantos o veem com suas águas tranquilas, continuando por entre os mistérios das matas sem fim....¹¹

Apesar de nenhum observador da época ter deixado de exaltar aquele privilegiado recanto do Brasil por suas riquezas incalculáveis, não se conseguiu “[despertar] o bom senso dos administradores e a audácia dos caçadores de fortuna”, ressalvou o jornal *O País*. Por esse motivo, “belo no esplendor da sua fecundidade, o Araguaia permanece hoje como há quase um século. A navegação nele existente é quase a mesma ideada e realizada pelo imortal Couto de Magalhães”.¹² Convém salientar que, no editorial, Couto de Magalhães – empresário da navegação e administrador da província de Goiás, em 1862, aos 24 anos de idade – está representado como um

7. Autor do Relatório de uma expedição ao Araguaia (Rio de Janeiro, 1921), Carlos Herndl foi encarregado pelo governo de percorrer o Rio Araguaia para trazer amostras para a Exposição Nacional do Centenário da Independência do Brasil, em 1922.

8. Jornal *O País*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1925, p. 1.

9. Henrique Silva. (1865-1935). Filiação: Francisco José da Silva e Ana Rodrigues de Moraes e Silva Escritor, jornalista e militar formado pela Escola Militar da Praia Vermelha do Rio de Janeiro. Fundador de vários jornais e revistas, destacando-se *A Informação Goiana*, revista editada no Rio de Janeiro e que divulgava Goiás e o Brasil Central, 1917 a 1935.

10. Surpreende o fato de o texto publicado no jornal *O País*, em 27 de maio, ter sido também reproduzido na edição de maio da revista, se bem que n’*A Informação Goiana* o tom era meloso. Isto leva a crer que o texto pode ter sido escrito em coautoria com o próprio Henrique Silva.

11. Jornal *O País*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1925, p. 1.

12. Jornal *O País*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1925, p. 1

desbravador de sertões ínvios, um herói e um empreendedor.

O que mais chama a atenção no discurso do jornal *O País* é a invocação por um bandeirantismo tardio, visto como signo de progresso. O norte de Goiás surge como território de um novo Brasil que estava à espera dos desbravadores:

E na sua região que está um Brasil novo à espera dos bandeirantes deste século. Parece, entretanto, que nos tempos modernos os desbravadores, os sertanistas, os campeões audaciosos, os descobridores de terras, varejadores de rios nunca d'antes varejados, e de florestas virgens, concentraram as suas energias na renovação espiritual da vida das cidades. O litoral cada vez atrai mais.¹³

Os documentos mencionam algumas iniciativas destinadas a incentivar o povoamento da região, conforme ressalta Maria Juliana de Freitas Almeida, em *O sertão de Amaro Leite no século XIX*. Trata-se de uma legislação provincial, mais especificamente da Lei n. 11, de 5 de julho de 1839, “que isentava dos dízimos e impostos provinciais, por um período de 20 anos, aqueles lavradores e criadores que fossem se estabelecer, ou já se estabeleceram, na margem direita do Araguaia e até dez léguas no sertão”.¹⁴

Para o editor d'*O País*, cuja fala se associa ao discurso de Henrique Silva, da revista *Informação Goiana*, o papel do bandeirante — em contexto tardio — seria o de desbravar os sertões, e o da região do Araguaia, o de uma terra a ser conquistada. O contexto histórico que motivou o editorial d'*O País* elucidava a interpretação da narrativa e seu intento. Naquele ano (1925), tramitava no Senado um projeto da bancada goiana para autorizar ao Poder Executivo o restabelecimento da navegação do Rio Araguaia, em Goiás.

No editorial d'*O País*, fica clara a idealização da natureza e do Rio Araguaia, em contraposição às fabulosas riquezas, ao estado de abandono do Leopoldina, que na época serviu de porto da Empresa de Navegação do Araguaia: “Leopoldina, o ponto inicial da civilização e onde Couto de Magalhães lançou as bases para a navegação do Araguaia, está hoje em quase completa ruína”.¹⁵ Todavia, se houvesse o aproveitamento de suas riquezas naturais, só isso bastaria para tornar florescente “não só a região do Araguaia, mas todo o Estado de Goiás, toda a vastíssima zona a terminar às portas de Belém do Pará”.¹⁶

No “Relatório de Expedição do Araguaia (1921)”, do engenheiro de minas e

13. *Jornal O País*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1925, p. 1

14. ALMEIDA, Maria Juliana de F. *O sertão de Amaro Leite no século XIX*. 2016. 149f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis. p. 88.

15. *Jornal O País*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1925, p. 1

16. *Jornal O País*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1925, p. 1

geólogo Carlos Herndl, membro de uma expedição financiada pelo governo, a exuberância da natureza é descrita com o objetivo de explorar economicamente o norte de Goiás: “Os rios, lagos e lagoas da região do Araguaia são povoados por milhares de aves, sendo que entre elas se acham as que produzem as plumas mais caras do mundo”.¹⁷ Herndl produziu um estudo pioneiro sobre as potencialidades econômicas do óleo de babaçu e de seu emprego como combustível.

No trecho do diário de viagem que descreve o porto de Leopoldina, visto anteriormente, Couto de Magalhães simboliza, na visão do editor d’*O País*, uma espécie de arauto do progresso na região do Araguaia:

Quando chegará, meu Deus, disse eu a mim mesmo, quando chegará o dia em que se verão espelhar florescentes cidades nas margens destes rios! Quando é que se verá o homem arrancar da posse das feras e das tribos selvagens dos índios tanta riqueza que aí jaz sepultada!¹⁸

Nessa passagem de *Viagem ao Araguaia* (1863), percebemos o lugar de fala do autor, sob o signo do sertão: se superados os entraves do atraso, representado por feras e tribos selvagens, as cidades trariam a civilização às margens do Araguaia. Assim, o lugar de fala de Couto de Magalhães é o lugar de fala do colonizador.

Da mesma forma, o discurso do jornal *O País*, com sua apologia ao retorno do bandeirantismo como signo do desenvolvimento, se apresenta como uma narrativa do colonizador. Sabemos de antemão que o bandeirantismo não trouxe, em seu contexto histórico colonial brasileiro, nenhum projeto de desenvolvimento voltado às regiões exploradas.

Pelo contrário, o bandeirantismo esteve invariavelmente associado ao ciclo colonial de predação dos recursos da natureza, ao contrabando de ouro e de metais preciosos e à preação indígena. A categoria “sertão”, por sua vez, “é um signo de nossa relação com o colonizador”, sem incorporar a perspectiva do colonizado, “mas o dito do colonizador em relação a regiões inóspitas, lugar onde não se queria estar”.¹⁹

A viagem e seu relato

Tzvetan Todorov considera o relato como uma narração pessoal e não apenas como uma descrição objetiva. O relato é também a própria viagem: “O deslocamento no espaço é o indício primeiro, o mais óbvio, da mudança; ora, quem diz, diz mudança”.²⁰ Como o relato se alimenta das mudanças, “nesse sentido, viagem e relato aplicam-se

17. Herndl, Carlos. Relatório da Expedição ao Araguaia (1921) citado n’*O País*, 27 de maio de 1925, p. 1

18. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Viagem ao Araguaia*. São Paulo: Tipografia Espíndola, Inqueria & Cia., 1902, p. 80.

19. SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. *Avá*, n. 17. jun. 2010, p. 43.

20. TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan./jun. 2006.

mutuamente. A viagem no espaço simboliza a passagem do tempo, o deslocamento físico o faz para a mudança interior; tudo é viagem, mas trata-se de um tudo sem identidade”.²¹

Na visão de Todorov, isso se explica quando a viagem transcende todas as categorias, inclusive a da mudança, do mesmo e do outro: “Desde a mais remota Antiguidade são acumuladas viagens de descobrimento, explorações do desconhecido, e viagens de regresso, reapropriação do familiar: os argonautas são grandes viajantes, mas Ulisses também o é”.²²

Isso se aplica no relato de Leite de Moraes quando partiu de São Paulo com destino à província de Goiás, em 27 de dezembro de 1880:

Quando assim me achava isolado na minha casa, então na rua Alegre, entregue às saudades da esposa e dos filhos, apreensivo com a responsabilidade da comissão que havia aceitado, e com cruéis incertezas de uma longa viagem pelo desconhecido, entra-me pela porta adentro o Sr. José Halle, atira-me à cara com uma carta de apresentação do meu Brazilio Machado, e um livro para o qual pede um pensamento e a bolsa aberta para receber a paga da inscrição do meu nome no livro dos heróis!²³

Tomando de empréstimo uma inquietação de Todorov, pergunta-se: quem são os autores desses relatos? O soldado conquistador? O mercador? O missionário? Seriam representantes de três formas de colonialismo (militar, comercial, espiritual)? Seriam exploradores que se colocam a serviço de uma ou outra dessas três categorias?

Para Todorov,

os poetas escreverão, como deve ser, e pouco nos importa saber, no fundo, se foi durante uma viagem ou não. Os aventureiros, por sua vez, podem fazer relatos de aventuras, sem se preocupar com as populações com que cruzam. Para assegurar a tensão necessária ao relato de viagem, é preciso a posição específica do colonizador: curioso com o outro e seguro de sua própria superioridade.²⁴

A escrita do diário de viagem²⁵ é um gênero confessional, no qual o narrador nem sempre tem a intenção de tornar público. Não era o caso de Leite de Moraes: “Tomei os

21. TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. Revista de Letras, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231, jan./jun. 2006.

22. TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. Revista de Letras, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231, jan./jun. 2006.

23. LEITE DE MORAES, Joaquim de Almeida. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 14.

24. TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. Revista de Letras, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 242, jan./jun. 2006.

25. Lorelai Kury destaca a obra de Michèle Duchet (1995) ao descrever a impressionante rede internacional de informantes dos philosophes (XVIII): viajantes, funcionários da administração estatal, militares, comerciantes. Ou seja, segundo a autora, colonialismo e Iluminismo fazem parte do mesmo movimento histórico. KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). História, Ciência, Saúde - Manguinhos, v. 11, p. 111, 2004.

meus apontamentos relativos a estas viagens, e, porque podem interessar ao país, venho hoje dá-los a publicidade”.²⁶ Sobre o lugar da escrita, há outra passagem em que Leite de Moraes revela escrever “ora a cavalo, ou à sombra de uma árvore, ou de um rancho, de uma barraca”, às vezes deitado na rede, ou na cama de campanha, ou “sobre o tombadilho de um vapor, ou sobre a tolda de um bote, no meio das cachoeiras, ou das matas, dos índios e das feras”.

Com base na tipologia estabelecida por Todorov, em “A viagem e seu relato”, podemos deduzir que Couto de Magalhães reunia as características de militar²⁷ e de comerciante. Ou seja, de empresário ou de empreendedor. Diante disso, observamos também, a partir da leitura de Todorov, que o general era detentor da posição específica do colonizador: curioso com o outro e seguro de sua própria superioridade.

Reforça essa premissa o fato de Couto de Magalhães ter mandado gravar num rochedo da Cachoeira Grande, em língua tupi, uma inscrição que indica a passagem de uma embarcação a vapor: "Sob os auspícios do Sr. D. Pedro II passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veio chamar à civilização e ao comércio os esplêndidos sertões do Araguaia, com mais de vinte tribos selvagens, no ano de 1868”.²⁸

A superioridade do colonizador está representada no discurso de Silvio Meira,²⁹ membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), ao esboçar o perfil de Couto de Magalhães, sob a epígrafe de homem da integração nacional:

À frente de Goiás intensificou o estudo dos problemas econômicos, propugnou pela transferência da capital para sítio mais ao norte – em Leopoldina –, explorou pessoalmente cursos d'água, entre eles os do Rio Vermelho, o do Araguaia, que percorreu em frágeis embarcações, fundando povoados, em contato com selvagens, com o fim de atraí-los para a civilização, estudando o solo, a fauna e a flora, observando os fenômenos da natureza, com olhos de sábio, como o fizeram, em épocas anteriores, Von Martius e Spix.³⁰

Rodrigo Turin, em “*O selvagem entre dois tempos: a escrita etnográfica de Couto de Magalhães*” (2012), destaca uma nova experiência temporal, que surge da possibilidade de o “viajante moderno poder comparar os tempos, o seu e o do objeto observado, sem esconder a satisfação de tomar consciência de seu próprio lugar”.³¹ Desse modo, voltamos ao princípio da superioridade do colonizador. *O selvagem* tem

26. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p.7

27. Couto de Magalhães foi governador da província do Mato Grosso de Sul e comandante das tropas brasileiras e estrategista militar na Guerra do Paraguai.

28. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Tipografia Espindola, Inqueria & Cia., 1902, p. 13.

29. Professor catedrático, jurista, escritor, membro da Academia de Letras do Pará, Acre, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas e da Academia Brasileira de Letras Jurídicas, do Instituto dos Advogados Brasileiros, do Pará e do Rio Grande do Sul, bem como sócio do IHGB.

30. MEIRA, Sílvia. Couto de Magalhães e a integração nacional. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 148, n. 354, jan./mar. 1987. p. 4.

31. TURIN, Rodrigo. O selvagem entre dois tempos: a escrita etnográfica de Couto de Magalhães. Varia História. Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 793, jul./dez. 2012.

outro diferencial: a obra foi encomendada por D. Pedro II, o imperador do Brasil, para figurar na Exposição Universal da Filadélfia, em 1876, comemorativa do centenário da Independência dos Estados Unidos.

Aí o vapor, passando por entre as numerosas aldeãs de índios que ainda andam nus, apresenta em contraste os dois extremos da cadeia humana: a raça mais civilizada que usa d'esse primeiro agente, agente do progresso, e o homem nu, imagem viva da primeira rudeza e barbaridade selvagem de nossos maiores.³²

Tal qual o general Couto de Magalhães, que se vangloriava de suas façanhas, o mesmo fez Leite de Moraes. Vejamos o que está escrito no preâmbulo de *Apontamentos de viagem* (1883):

E, como os meus antepassados, afrontei todos os perigos das matas, dos rios, das feras, dos selvagens, tomando todos os meios de locomoção lembrados pela barbaria e depois aperfeiçoados pela civilização.³³

Na travessia pelo Rio Araguaia, em 27 de dezembro, o viajante recordava que exatamente há um ano (1881) ele partira de São Paulo para Goiás. Nessa passagem do diário, Leite de Moraes fez comparações entre a cidade, o lugar da civilização, e o sertão, que seria a barbaria:

Lá [São Paulo] estava na terra natal, entre os velhos amigos, deslumbrado pelo sol da civilização; e aqui [sertão do Araguaia] entre desconhecidos, com exceção de dois ou três, no seio dos selvagens e do deserto, sepultado nas trevas da barbaria.

Lá – entrava num carro-salão, atapetado e de poltronas, rodando sobre trilhos de ferro; e aqui... [sertão do Araguaia] entro n'uma tosca e grosseira embarcação, coberta de palhas de coco, deslizando-se à mercê da correnteza das águas...

Lá – percorria, por assim dizer, o lar doméstico, – aqui... o lar do mistério, o caminho do desconhecido, margeado das tenebrosas conjecturas!³⁴

Há várias aproximações entre Couto de Magalhães e Leite de Moraes, no recorte

32 COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *O selvagem*. Rio de Janeiro: Tipografia da Reforma, 1876, p. 181.

33. LEITE DE MORAES, J. A. *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 8.

34. LEITE DE MORAES, J. A. *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 135.

deste estudo: ambos governaram Goiás e percorreram a mesma rota na viagem que empreenderam pelo Rio Araguaia. Parte do percurso de Couto de Magalhães foi terrestre, em tropas; de Santa Leopoldina continuou a viagem pelo Rio Araguaia, retornando ao porto de Leopoldina de onde regressou. Joaquim Leite de Moraes fez o mesmo percurso quando deixou o cargo de governador, em 1881 (Figura 1). Ao deixar o governo, Leite de Moraes seguiu viagem por Leopoldina, navegando pelo Rio Araguaia. Parte do trajeto a embarcação foi rebocada pelo vapor Colombo. De Belém do Pará, Leite de Moraes partiu para Rio de Janeiro com destino a São Paulo.

Em síntese: ambos permaneceram pouco mais de um ano no governo. Couto de Magalhães assumiu em janeiro de 1863 e deixou o cargo em abril de 1864. Leite Moraes, por sua vez, exonerou-se em dezembro de 1881, completando um ano de mandato. Ambos fizeram a travessia pelo Rio Araguaia e produziram diários de viagem, nos quais relataram suas experiências no percurso.

Figura 1 – Mapa de Goiás. Início da rota de Couto de Magalhães até o porto de Leopoldina. (Adaptado). Disponível em: <<http://www.brasil-turismo.com/goias/goyaz.htm>>.



Num relato dessas experiências, Couto de Magalhães conta que, impaciente por conhecer o Araguaia, decidiu não esperar o dia amanhecer. Cavalgou por quatro horas e ainda era noite quando avistou as margens do rio. Ao encontrar uma dezena de embarcações ancoradas no porto de Leopoldina e um estaleiro em funcionamento, manifesta sua satisfação:

Fui surpreendido por uma emoção agradável, quando vi no porto de Leopoldina doze ou quatorze embarcações, entre montarias, igarité e botes, flutuando sobre as águas levemente agitadas desse rio, além de uma igarité, que estava quase concluída no estaleiro; ao menos aqui se vê já esse primeiro elemento da civilização moderna. A indústria do transporte começando a efetuar-se.³⁵

Leite de Moraes fez grande parte da viagem, imerso em sensações de tristeza. Ele conta que se embrenhou pelos sertões do Araguaia, sempre seguindo o curso do rio até o Pará e admitindo não suportar a viagem a cavalo. Afinal qual era o caminho para seu regresso? Quando decidiu pelo trajeto de bote, foi alertado sobre as febres no Araguaia e o cuidado com os índios “sempre traiçoeiros e ferozes... as formidáveis cachoeiras do mesmo rio e do Tocantins... os muitos naufrágios de todos os anos... os jacarés... as frequentes insubordinações dos tripulantes dos botes”.³⁶

Além de Leite de Moraes, seguiam na mesma viagem Carlos Augusto, seu conterrâneo e oficial de gabinete, o criado Joaquim Barbosa e os 16 remeiros, que conduziam a embarcação. O medo do desconhecido levou Leite de Moraes a anotar em seu diário: “Em que todos os perigos imagináveis e sonhados me vinham à memória com seu cortejo de horrores, e que punha o pé num caminho completamente desconhecido”.³⁷

Vacilante e pensativo, o viajante dirigiu-se ao porto de Leopoldina, de lá embarcou numa canoa que foi rebocada, seguindo viagem no Colombo, uma das embarcações a vapor da empresa criada por Couto de Magalhães. Quando subiu ao tombadilho, Leite de Moraes relatou no seu diário de viagem ter-se emocionado ao ser saudado pela população.

Territórios do vazio

Para muitos intérpretes do Brasil – sobretudo os intelectuais da primeira metade do século vinte –, o sertão representou um espaço vazio, lugar deserto a ser conquistado. “Se essa porção incógnita do país constituía fonte permanente de preocupações intelectuais e políticas”, ressalva Fernanda Arêas Peixoto (1999), o que se esboçava naquele pensamento era “o dilema da formação do território e da nação, [carregando] também consigo o selo da brasilidade”.³⁸

A literatura de viagem do século dezanove, por sua vez, trouxe traços de sua

35. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Tipografia Espíndola, Inqueria & Cia., 1902, p. 105.

36. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 6.

37. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 99.

38. Peixoto, Fernanda Arêas. A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. *Mana*, v. 5, n. 1, p. 171, 1999.

herança colonial, na qual se entende sertão como a invisibilidade da presença humana, como território com vazios demográfico, como terras incultas e inexploradas, incluindo-se a ideia de “solidões”, no mesmo sentido.

Segundo Antônio Carlos Robert Moraes, o sertão não se configura em lugar, mas uma condição atribuída a lugares diferenciados: “Trata-se de um símbolo imposto, em certos contextos históricos, a determinadas condições locais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valoração”.³⁹ Nesse sentido, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas “trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo”.⁴⁰

Vejamos o que diz sobre isso Couto de Magalhães. Seu relato nos parece incompatível ao falar em desertos do Araguaia, onde o próprio autor evidencia a presença indígena, denotando a invisibilidade da presença humana ao assumir a definição de deserto como território:

Por falar em selvagens, versando nesse dia a conversação sobre eles, tive ocasião de saber de meio engenhoso de que se servem para se reunirem no meio desses desertos: vão subindo por um buriti e amarrando em torno dele, com um palmo de espaço, faixas de capim verde; descem, depois e ateiam-lhe fogo: a última das faixas comunica-o às outras, de modo que a gigantesca palmeira serve de farol, não só pode ficar toda em brasas, como também pela elevada coluna de fumaça, que sobre ao céu em forma de espera. [...] Este costume é comum aos Xavantes, Carajás e Xambioás, que são com os Canoeiros, Caiapós, Apinagés e Gradaús, os dominadores destes desertos do Araguaia.⁴¹

Leite de Moraes registrou nos seus *Apontamentos* que, quanto mais se aproximava do Rio Tocantins, “diminuiu-se a pesca; desapareceram os pássaros aquáticos, salvo um ou outro; não ouvimos mais o grito da arara e do papagaio. E, entretanto, tudo isto é ainda bem sertão!”.⁴² Convém ressaltar que ele partiu de Goiás no dia 9 de dezembro de 1881, seguindo em direção da povoação de Leopoldina. Desceu o Rio Vermelho rebocado pelo vapor Colombo até Santa Maria, aonde chegou em 25 de dezembro. Continuou descendo de bote em direção ao Pará, aportando em Belém em 14 de janeiro de 1882.

No dia 13 de dezembro de 1881, uma cena lhe chama a atenção: seguindo em direção ao Ribeirão Lambary, avistou a várzea ladeada por buritis, onde foi recepcionado pela “orquestra” de milhares de pássaros verdes e araras, as “sentinelas

39. MORAES, Antonio Carlos Robert. O sertão, um outro geográfico. Terra Brasilis, Rio de Janeiro, ano III-IV, n. 4-5, 2003, p. 13.

40. Idem.

41. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Tipografia Espíndola, Inqueria & Cia., 1902, p. 135.

42. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 228.

do sertão”. Nesse caminho, o viajante parou instintivamente e escreveu: “Esquece da sua espingarda e dobra o joelho diante da natureza que deslumbra com suas maravilhosas magnificências, e no santuário de sua consciência levanta altares a Deus!”.⁴³

O mesmo encantamento em relação à natureza era compartilhado por Couto de Magalhães. No Araguaia tudo era melancólico como o infinito:

O Araguaia corre ordinariamente entre praias de areia fina, além das quais crescem zonas de mato, que o acompanham de uma e outra margem, as quais, para quem está dentro do rio, parecem orlas de junco, tão grande é a distância. Aqui, o deserto é de uma majestade tão imponente, que assombra e abala o espírito [...]. O menor obstáculo, o mais insignificante outeiro não encrespa a superfície da terra: tudo é vasto, majestoso e melancólico como o infinito.⁴⁴

Vinte anos depois de Couto de Magalhães, Leite de Moraes não esconde seu fascínio diante do fato de uma embarcação a vapor singrar as águas do Araguaia. É um triunfo do progresso para o sertão, que desperta a natureza com a hélice daquela embarcação; é o progresso que enfrenta a barbaria:

Os vapores e botes fundeados no porto, os marinheiros cruzando-se nos tombadilhos, a fumaça do vapor que move as máquinas da oficina, carga e descarga, gritos e cantos, eis o progresso disputando à barbaria os seus velhos domínios! E o Colombo rompe essa natureza virgem com a hélice, e acorda aqueles milhões de seres animados com o seu sibilar agudo e penetrante... é o progresso que recua a barbaria às suas últimas fronteiras.⁴⁵

Nessas narrativas, ficam claras as reflexões de Norbert Elias, em *O processo civilizatório*, de que as ideias de civilidade e cultura foram construídas como o polo oposto da esfera associada à natureza, ao selvagem, à barbárie, à desrazão e à ignorância. A civilização estava relacionada a valores ilustrados como cultivo, polimento, aperfeiçoamento, progresso e razão.⁴⁶

Em outra passagem, repetia-se o discurso da superioridade do colonizador, agora em outra situação. Uma disputa entre remeiros e indígenas nas águas do Araguaia distraía Leite de Moraes, que comparou aquela cena entre barqueiros ao

43. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 86.

44. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Tipografia Espíndola, Inqueria & Cia., 1902, p. 101.

45. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 113.

46. ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

entrelaçamento da civilização e da barbárie:

Então os índios começaram a zombar dos nossos remeiros – que não sabem remar como eles, e travava-se a luta – o bote correndo parelha com os *ubás*. Estas atravessavam pela proa; os indígenas com os seus remos atiravam água sobre nossos *proeiros*, e todos alegres, contentes, de gargalhadas, rodam – a civilização entrelaçada com a barbárie!⁴⁷

No percurso, o viajante relata sua rotina: “Deitado na rede, coberto por um magnífico mosqueteiro, entreguei-me a todos os azares e a todas as aventuras do deserto!”.⁴⁸ Percebe-se no relato que Leite de Moraes dedica uma atenção especial aos barqueiros, remadores, cozinheiro e um caçador, gabando-se de ter contratado os pilotos mais experientes da região. O diário apresenta também um registro minucioso da divisão de trabalho e dos entraves da navegação e uma descrição do banzeiro do rio que entristecia os remeiros.

Dentre os membros da comitiva, destaca-se o piloto Manoel Arcanjo, que fez a mesmo percurso, em 1862, na viagem de Couto de Magalhães; vinte anos depois repetiu o mesmo trajeto com Leite de Moraes, para quem o piloto era conhecido até no Pará. Basílio, o segundo piloto e irmão de Manoel Arcanjo, percorria o rio palmo a palmo, sabedor de todos os seus tributários e de todas as suas cachoeiras.

Além deles, para completar a tripulação foram contratados Sebastião e José Lino, dois *proeiros* “de têmperas diferentes e diferentes raças, o da esquerda, Sebastião, é preto, estatura mediana, corpo cheio” e o da direita, José Lino, “caboclo, alto, corpulento, cabelos mesclados de preto e ruivo”. Sebastião, que encarava com “soberano desprezo o perigo”, era grave, sério e carrancudo, enquanto José Lino era “frio e calmo”; enfrentava o perigo “com o riso nos lábios”. Ambos “iguais na força e na destreza, não esperam a voz do piloto; comandam as respectivas turmas de remeiros”.⁴⁹

A tripulação era formada por 16 remeiros, entre os quais, dois eram *proeiros*, dois *poeiros*, dois *contrapoeiros* e um cozinheiro. Entre os remeiros, três índios (Carajá, Caiapó e Gavião) serviam como intérpretes. Durante a viagem, ao escutar o canto monótono dos remeiros, Leite de Moraes pensava na família e na saudade da terra natal. Em 1881, o viajante descreveu o Araguaia como um sertão inculto e solitário:

O canto monótono dos remeiros; a pancada igual de seus remos, rasgando o rio; horizontes ainda nunca vistos; perigos cujas proporções não se avaliam e cujas consequências não subordinam se à vontade humana;

47. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 115.

48. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 154.

49. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 115.

florestas incultas de lado a lado, tudo como que primitivamente selvagem, céu, terra, água, mata, a solidão, o deserto enfim, tudo prostrava-me o espírito, e como que esgotava-me as forças, a coragem e a resignação.⁵⁰

Para Janaína Amado, o termo “sertão” foi uma categoria construída pelos primeiros colonizadores portugueses. Uma categoria carregada de sentidos pejorativos, que absorveu o significado original dos lusitanos, antes mesmo da sua chegada ao Brasil – espaços vazios, desconhecidos, vastos, longínquos e pouco habitados:⁵¹

"Sertão" é uma das categorias mais recorrentes no pensamento social brasileiro, especialmente no conjunto de nossa historiografia. Está presente desde o século XVI nos relatos dos curiosos cronistas e viajantes que visitaram o país e o descreveram, assim como, a partir do século XVII, aparece nas primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil.⁵²

O sertão, no relato dos viajantes e das comissões exploradoras do território nacional e na correspondência dos administradores da província de Goiás, comprova a existência de um imaginário do território vazio e do lugar ínvio. Um exemplo: a narrativa do governador de Goiás (1813), Delgado Freire, em carta dirigida a parentes, em Lisboa, anunciava sua retirada de Goiás, dizendo adeus aos “infernais sertões”.⁵³

No diário de Leite de Moraes, o sertão aparece como sinônimo de deserto. Passando pelo Rio do Peixe, embrenhando-se pelo seu curso, o viajante exclamou: “A nudez das solidões, o silêncio dos desertos, mistérios tenebrosos de uma natureza selvagem... eis o mundo em torno do nosso bote!”.⁵⁴

Ao longo dos séculos, a palavra “sertão”, em Portugal e no Brasil, tem como sinônimo lugar “desconhecido”, “longínquo”, “interior” ou “inculto”. Em perspectiva oposta ao observador que se colocava no “litoral”, “urbes” era sinônimo de civilização.

Marca do processo colonizador, segundo Gilberto Mendonça Teles, “sertão” originou-se de uma linguagem, cujo signo comandava a significação e reproduzia-se de cima para baixo, sem levar em conta a linguagem do outro, aquele que estava sendo colonizado.⁵⁵

Retomando a ideia principal do editorial do jornal *O País*, Leite de Moraes parte da mesma premissa na sua viagem: “Pisei as suas fabulosas minas de metais preciosos; sulquei as águas de seus grandes rios; atravessei as suas decantadas cachoeiras; entrei

50. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 135.

51. AMADO, J. Região, sertão e nação. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

52. AMADO, J. Região, sertão e nação. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 148.

53. AMADO, J. Região, sertão e nação. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 148.

54. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 103.

55. TELES, Gilberto Mendonça. O lugar dos sertões. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). O clarim e a oração: cem anos de Os sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2001, p. 264.

nas aldeias de 2.000 mil arcos [...], admirei as castanheiras com suas copas frondosas dominando as matas”. Ao observar a diversidade de produtos da natureza que poderiam enriquecer o comércio do Pará com a Europa e os Estados Unidos, disse o viajante: “Sonhei um *Novo Mundo*, que, na frase de um ilustre paraense, ainda não teve seu Colombo!”.⁵⁶

Em 1881, o viajante e ex-governador de Goiás, ao retornar para São Paulo, cingia seu relato e assumia a condição de colonizador, portador da visão romântica de uma natureza intocada, mesmo com a navegação em curso e o comércio interprovincial entre Goiás e Pará.

Às margens desse mesmo rio, no ano de 1862, enquanto o dia morria, Couto de Magalhães nutria uma fantasia: o mito dos sertanistas, em seu desejo de se embrenhar nas matas, andar por lugares intocáveis pelo pé humano. O governador referia-se à epopeia dos sertanistas, embora a região já tivesse sido palmilhada desde o tempo das primeiras bandeiras paulistas, quando a região das minas dos Goyazes era subjugada à jurisdição da capitania de São Paulo, sendo comandada até 1734 pelo capitão-mor Bartolomeu Bueno da Silva. Somente em 1744 foi criada a capitania de Goiás. Mesmo assim, Couto de Magalhães escrevia em seu diário de viagem:

Era severa e melancólica essa cena. Havia naquelas colunas cinzentas, que se erguiam no ar límpido e transparente, no meio do silêncio absoluto daquelas solidões, um não sei quê de tão incerto e vago, que apertava o coração e abatia o espírito. Que encerram estes desertos? Florestas virgens, ermas campinas, paludes, serras, rios caudalosos, valadas silentes, grutas profundas, cujos ecos não foram ainda acordados senão pelo grito selvagem do índio, ou pelo urro medonho da pantera? Quantas riquezas não dormiram ali ocultas? Tudo é mistério! O pé do sertanista ousado nunca imprimiu seu rastro na areia destes desertos.⁵⁷

O discurso do abandono de Goiás, abrangendo especialmente o norte da província, contribuiu para o sentimento de isolamento. Sob o signo do sertão, sinônimo de lugar desabitado e sem progresso, um discurso foi construído, forjado pela imagem da ruína, pela decadência da mineração e pelo não impulsionamento da navegação comercial. É o que disse Leite de Moraes, governador de Goiás em 1881, citando uma frase atribuída a Couto de Magalhães:

Nos primeiros dias devorei as memórias [crônicas] que encontrei sobre esta província e d'entre elas principalmente os escritos de Couto de Magalhães. Este notável brasileiro fez esforço para transferir a capital

56. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 103.

57. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Tipografia Espíndola, Inqueria & Cia., 1902, p. 103.

para Leopoldina, e então, além das razões que apresenta de ordem política e administrativa, e outras que se prendera ao clima, descreve a capital com alguma aspereza de frase, e acrescenta, se não me engana a memória: – Enfim, Goiás é a terra do que foi!...⁵⁸

Leite de Moraes achou exagerado o desânimo de Couto de Magalhães em relação às expectativas de progresso: “E logo tive de verificar a sua propriedade e exatidão”.⁵⁹

Uma das ações de Leite de Moraes foi a de apresentar, na Assembleia Legislativa, um projeto de prolongamento da Estrada de Ferro Mogiana até Mato Grosso. O texto foi apresentado no Relatório do Presidente da Província de Goiás (1881):

Nestas regiões que separam as bacias do Tocantins e do Araguaia, do Amazonas e do Prata, o capital reconcentrado, receoso na naturalmente de confiar-se à indolência proverbial dos respectivos habitantes, retrai-se a inutilizar completamente as suas forças fecundas e civilizadoras, e nesse imenso e vastíssimo território, que se estende desde o Paraná até o Amazonas, e desde o São Francisco até o Paraguai, povoado de todas as riquezas do mundo, a circulação de capital, condição primordial para o desenvolvimento dessas riquezas, é apenas uma aspiração que se pode qualificar de sonho!⁶⁰

Na sessão de 23 de março de 1882, o projeto de Leite de Moraes foi apresentado para discussão na Câmara. O debate era sobre a construção de estradas de ferro para promover o progresso no interior do país. O deputado João Jacques Montandon, da bancada de Goiás, em pronunciamento, ressaltou: “O império do Brasil não consta tão somente da sua capital e do litoral; mas para seu completo progresso, necessita que se desenvolva a sua atividade individual adormecida nos sertões”.⁶¹ Na sequência, Montandon discursa sobre os equívocos quando se fala em sertão no interior do Brasil. Afirma que a realidade de Goiás era desconhecida. Era recorrente a impressão, diz o parlamentar, de “um país desabitado, porém aqueles que têm percorrido os sertões reconhecerão que há uma população compatível com o seu desenvolvimento”.⁶²

Em “Um mundo desconhecido”, de Victor de Carvalho Ramos, texto publicado na *Informação Goiana*, em 15 de agosto de 1817, a narrativa lembra uma frase de Leite de Moraes, quando se referiu ao sertão, entre Goiás e Pará, como um lugar que ainda não tivera o seu Colombo.⁶³ A premissa do atraso econômico de Goiás, apesar das

58. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 73.

59. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 73.

60. Relatório do Presidente da Província de Goiás apresentado à Assembleia Legislativa. Goiás, 1881, p. 120.

61. Relatório do Presidente da Província de Goiás, 1881, p. 123.

62. Anais da Assembleia Legislativa. Discurso do deputado João Jacques Montandon, em 23 de março de 1892, p. 123.

63. LEITE DE MORAES, J. A. Apontamentos de viagem. São Paulo: Gazeta do Povo, 1883, p. 9.

riquezas naturais, foi retomada trinta anos depois pela revista *A Informação Goiana*, num texto de Carvalho Ramos sobre a região: “Um mundo extraordinário de revelações e surpresas, um braço do gigante Brasil atrofiado pela incúria criminosa dos poderes competentes, pelo abandono a que foi condenado”.⁶⁴ A saga dos colonizadores é rememorada pelo escritor ao descrever a decadência do norte de Goiás e o esgotamento do ciclo do ouro:

Das pegadas audaciosas das primeiras bandeiras, das guerras constantes dos cristãos com os gentios na ânsia avassaladora de conquistar; das lutas dos primeiros colonizadores com a natureza bruta e desconhecida, no afã de arrancar-lhe das entranhas os tesouros minerais com que pudessem abastecer os celeiros reais de Portugal, só nos restam despojos, roteiros – anônimos uns, incompletos outros, lendas românticas que a imaginação fantasista dos simples sertanejos arquitetou.⁶⁵

João Marcelo Ehlert Maia, ao analisar os relatos de Couto de Magalhães e Leite de Moraes, destacou a existência da tensão constitutiva da imaginação espacial brasileira, que se opunha entre permanências e movimentos. O olhar “imperial” de dois viajantes, Leite de Moraes e Couto de Magalhães, foi marcado pelo cruzamento entre “uma sensibilidade orientada para o tema da origem e uma abordagem administrativa dos distantes sertões brasileiros, [que se] choca com a percepção de uma geografia em movimento, instável e fugidia”. Era constante, nesse contexto, a visão de ruínas “e de vestígios que denotam um mundo instável e aberto, constituído, destruído e reconstituído de forma incessante”.⁶⁶

De Leopoldina ao Porto de Trindade, Couto de Magalhães escreveu no diário suas impressões produzidas pelo Araguaia, “os aspectos grandiosos do rio e dos desertos por onde percorre”. Quando chegou ao presídio, amanhecia. Contemplou então o leito imenso do Araguaia, com suas águas turvas, a foz do Rio Vermelho, com suas ondas verdes e límpidas: “Aqueles páramos desertos e achatados, que compõem uma e outra margem do rio, nos quais a vista não encontra um só obstáculo; quando contemplei tudo isso ao clarão cintilante deste sol da América”.⁶⁷ Então Couto de Magalhães percebeu, em sua volta, que há poucos metros

erravam talvez tribos selvagens e bravias feras [e] fui transportado a um horizonte tão vasto, como a perspectiva das grandes coisas que oferece o rio. Esta artéria de civilização não levou ainda vida ao corpo onde ela corre. Quanta felicidade não poderia haver por estas paragens, onde o solo

64. CARVALHO, Victor. Um mundo desconhecido. *Informação Goiana*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1917, p. 9-10.

65. CARVALHO, Victor. Um mundo desconhecido. *Informação Goiana*. Rio de Janeiro, 15 ago. 1917, p. 9.

66. MAIA, João Marcelo Ehlert. Governadores de ruína: os relatos de viagem de Couto de Magalhães e Leite Moraes. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 40, jul./ dez. 2007, p. 17.

67. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. *Viagem ao Araguaia*. São Paulo: Tipografia Espíndola, Inqueria & Cia., 1902, p. 101.

é tão fértil, onde o rio oferece ao pescador numerosos pescados, onde o bosque encerra tanta caça, onde a vida é alimentada por um clima saudável e o espírito animado por tantas impressões grandiosas!⁶⁸

Uma análise do discurso “O Araguaia e suas maravilhas”, publicada no jornal *O País*, aponta para a seguinte conclusão: a de uma representação de um território do interior, sob o signo do sertão, estacionado no passado; a de um santuário de reservas naturais. Tudo estagnado no tempo. No entanto, o discurso endossa a premissa de que Goiás se constitui em uma parte integrante da construção da categoria “sertão” por seu viés discursivo.

Desde o período colonial, Goiás era definido na literatura de viagem e de cronistas, como lugar “desconhecido, longínquo e selvagem”, segundo Sena. A partir de 1780, o esgotamento do ciclo aurífero reforça o estigma da decadência e do atraso⁶⁹ e a imagem de lugarejos em ruínas passam a ser atributos encontrados em narrativas de viagem, em relatórios de presidentes da província e na literatura regional.

Recebido em 05 de abril de 2018.

Aprovado em 19 de junho de 2018.

68. COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. Viagem ao Araguaia. São Paulo: Tipografia Espíndola, Inqueria & Cia., 1902, p. 101.

69. SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. *Avá*, n. 17, jun. 2010, p. 47.